



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MARIA DA CONCEIÇÃO NICOLAU SILVESTRE

O Contributo da Pedagogia de Teresa de Saldanha

Na disciplina de Educação Moral Religiosa e Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

sob orientação de:

Mestre Cristina Sá Carvalho

Lisboa
2012

Agradecimentos

Para conseguir realizar este trabalho e o estágio foi necessária a ajuda de várias pessoas, as quais quero deixar aqui uma palavra de agradecimentos.

Agradeço a Deus, às irmãs da minha comunidade pelo apoio prestado e aos meus amigos.

Em último lugar, mas de muita importância, à Doutora Cristina Sá Carvalho, pela incansável orientação, pela disponibilidade e pela contínua análise da leitura e releitura das várias versões deste trabalho, sempre com comentários e sugestões que muito serviram para o seu aprimoramento.

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 3 |
| Siglas | 4 |
| Primeira Parte – Relatório sobre a prática pedagógica realizada..... | 7 |
| 1. Caracterização do núcleo..... | 8 |
| 1.1 Apresentação da Entidade acolhedora | 10 |
| 1.1.1 Enquadramento Geográfico da Escola Fernando Graça Lopes | 10 |
| 1.1.2 A Escola Fernando graças Lopes – Parede | 10 |
| 1.2 Caracterização da turma de EMRC | 11 |
| 1.3 Integração na Escola | 12 |
| 1.4 Actividades desenvolvidas e algumas reflexões | 12 |
| 2. Actividades extracurriculares | 14 |
| 2.1 A planificação do processo ensino-aprendizagem..... | 17 |
| 2.2 Reflexão crítica..... | 20 |
| 3. Avaliação pessoal do desempenho | 22 |
| a) Área do saber | 22 |
| b) Área do fazer | 22 |
| c) Área do ser..... | 23 |
| Segunda Parte – O Projecto Pedagógico de Teresa de Saldanha | 25 |
| 1.Contexto ideológico e sociopolítico em que viveu Teresa de Saldanha..... | 26 |
| 2. Conceito de Pedagogia em Teresa de Saldanha | 28 |
| 2.1 Educar para os valores humanos, cristãos e sociais, um desafio | 30 |
| 3. Leitura e desenvolvimento da Unidade Lectiva 4:à luz da pedagogia de Teresa de Saldanha | 32 |
| 3.1 A Escola Católica | 32 |
| 3.2 A Escola Estatal | 34 |
| 3.3 O contributo da Educação Moral e Religiosa Católica..... | 36 |
| Terceira Parte - Propostas de Actividades | 39 |
| 1. Apresentação das actividades | 40 |
| Actividade 1: Em busca da maturidade..... | 41 |
| Actividade 2: Amadurecimento na fé | 42 |
| Actividade 3: Como avalio a minha vida? | 45 |
| Actividade 4: Jesus como modelo de vida | 46 |
| Actividade 5: Actualização do decálogo - o dom da aliança e as normas para o comportamento humano | 48 |
| Conclusão | 52 |
| Bibliografia..... | 55 |

Introdução

O presente trabalho foi elaborado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, especialização em Educação Moral e Religiosa Católica.

O desafio que nos foi lançado, para a elaboração do Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, foi o de partirmos de uma reflexão sobre a nossa prática docente, para identificarmos uma área na qual fosse oportuna a elaboração de uma proposta prática para a leccionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

Desta forma, optámos por abordar a unidade lectiva quarta: Projecto de Vida. A partir dos conteúdos desta unidade surgiu a ideia de analisar o contributo da pedagogia de Teresa de Saldanha nesta disciplina.

No que se refere à estrutura deste, dividimo-lo em três partes:

Uma primeira parte, em que percorremos um breve itinerário em torno da escola, da disciplina de EMRC, da actividade docente e da importância.

A segunda parte – Apresentamos, de forma sucinta, a sociedade portuguesa do século XIX, para melhor entendermos os desafios pedagógicos que Teresa de Saldanha defrontou ao empreender a sua obra educativa. Analisamos o conceito de pedagogia de Teresa de Saldanha. Este conceito demonstra como esta mulher pôde implementar o seu projecto de vida no tempo em que viveu, com coragem e audácia.

Tentamos reflectir na diferença existente na pedagogia de Teresa de Saldanha numa escola católica e numa escola pública. Por fim, o desejo de aprofundar e tornar vigente a pedagogia de Teresa de Saldanha na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica hoje.

Na terceira parte do presente trabalho deixamos algumas propostas de actividades que poderão ser concretizadas na leccionação da disciplina de EMRC, tendo em vista o desenvolvimento das competências específicas da disciplina.

Procurámos, com este trabalho, proporcionar uma articulação entre uma atitude reflexiva sobre a prática pedagógica supervisionada e a experiência de ensino, com propostas passíveis de aplicação prática na leccionação da disciplina de EMRC.

A metodologia que serviu de guia para esta redacção e apresentação é a proposta de Carlos Moreira Azevedo e Ana Maria Gonçalves de Azevedo¹.

Na elaboração deste trabalho sentimos algumas condicionantes que poderão estar na base de alguns aspectos que não foram bem conseguidos:

- A dimensão do trabalho não permitiu aprofundar alguns pontos que talvez podiam ter tido um tratamento mais exaustivo.

- Na formulação das propostas de actividades fomos condicionados pela estrutura do programa de EMRC, o que implicou que as actividades tivessem que ser adequadas a níveis etários específicos e aos patamares de desenvolvimento dos alunos a que se dirigem.

- O facto de a maior parte das turmas se caracterizar por uma forte diversidade de percursos, de formações de base e de experiencias religiosas, levou-nos a tentar conceber actividades que possam beneficiar um leque, o mais vasto possível, de destinatários.

Mais do que uma revisão bibliográfica temos, sob o ponto de vista metodológico, um quadro teórico que assenta na análise documental sobre a pedagogia educacional de Teresa de Saldanha em Portugal, século XIX. Utilizamos fontes provenientes, sobretudo, do arquivo da Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena.

Pretende-se com este trabalho revisitar a pedagogia de Teresa de Saldanha, a partir dos seus escritos. Será um bom contributo para a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica que, mais do que nunca se apresente como um enorme desafio.

O presente trabalho não pretende ser uma monografia sobre a pedagogia de Teresa de Saldanha nem uma análise científica da sua actividade educativa e pedagógica mas desenvolver uma reflexão, ainda que resumida, sobre a prática pedagógica supervisionada em educação Moral e Religiosa Católica, unindo-a ao contributo da pedagogia de Teresa de Saldanha nesta disciplina hoje.

¹ .Azevedo, Carlos A. Moreira; Azevedo, Ana Gonçalves de – Metodologia Científica: Contributos Práticos para a Elaboração de Trabalho Académicos.

A este propósito queremos manifestar a nossa inquietação para novos estudos sobre o tema, tendo em conta o grande interesse que nos suscitou um maior aprofundamento sobre o contributo da pedagogia de Teresa de Saldanha na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

Siglas

DREL – Direcção Regional de Educação de Lisboa.

TIC – Tecnologias de Informação e de Comunicação.

CEF – Cursos de Educação e Formação.

SASE – Serviço de Apoio Social Escolar.

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica.

IDSCS – Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena.

PRIMEIRA PARTE

Relatório sobre a Prática Pedagógica Realizada

1. Caracterização do Núcleo

A orientação do núcleo de estágio de Educação Moral e Religiosa Católica foi confiada à professora Luísa Maria Arantes Lobato Garcês de Carvalho. O mesmo foi formado por dois alunos estagiários, Mário Barreiro e Maria da Conceição Silvestre. Ambos os estagiários ficaram afectas às turmas do 9º A e 9º F, desenvolvendo em simultâneo, a prática pedagógica nestas turmas. O horário do núcleo compreendeu não só, os 45 minutos que correspondiam ao tempo de uma aula no 9º ano, bem como três horas semanais na escola.

Os estagiários acompanharam, colaboraram e auxiliaram a professora orientadora em todos os assuntos da sua competência, tais como: reuniões de turmas, actividades curriculares e extracurriculares.

A prática pedagógica supervisionada, teve início em Outubro de 2009. A convivência entre todos nós (alunos, estagiários e a orientadora do estágio) foi sempre agradável, tendo-se criado entre o grupo uma relação salutar de constante amizade, respeito e cooperação.

O estágio é uma prática ou demonstração, que considero fundamental na formação dos futuros professores. Contudo, deve ser não somente um período que possibilita a obtenção de prática pedagógica, mas sim um período gerador de grandes experiências que sejam úteis para o professor ao longo da sua carreira profissional.

Os estagiários mostraram-se bastante empenhados no espaço da sala de aula e se disponibilizaram desde o início, de colaborar com a professora Luísa Maria Arantes Lobato Garcês de Carvalho, em qualquer acção ou tarefa. Pessoalmente considero que, esta atitude, bem como a capacidade de iniciativa especialmente do meu colega estagiário, facilitou a aquisição de uma maior informação acerca de todas as indicações/regras legalmente contempladas, possibilitou também um conhecimento mais vasto relativamente às exigências que se referem, métodos processos e procedimentos que devemos ter no exercício da nossa profissão como professores.

1.1 Apresentação da Entidade acolhedora

1.1.1 Enquadramento geográfica

A Escola Secundária Fernando Lopes Graça - inicialmente designada de Escola Secundária da Parede, quando criada em 1981 – situa-se no extremo SE da freguesia da Parede, concelho de Cascais, pertencendo a área de influência da Direcção Regional de Educação de Lisboa (DREL). Este concelho tem características urbanas e a população activa integra-se, essencialmente, no sector terciário da economia. A Escola recebe alunos residentes, designadamente nas freguesias da Parede, S. Domingos de Rana, além da freguesia de Carcavelos e, de forma menos significativa, de outras mais distantes.

Quanto ao meio envolvente, encontra-se a sul de Sintra a oeste do concelho de Oeiras e com o Oceano Atlântico a sul e ao oeste do concelho de Cascais com as suas seis freguesias. A Parede é a freguesia mais pequena, com uma área de 3,56km² do concelho de Cascais, sendo a mais densamente povoada. A Escola Secundária Fernando Lopes Graça integra parte dos lugares de Buzano, Junqueiro, Madorna (localização da Escola), Murtal, Penedo e Rebelva.

1.1.2 A Escola Fernando Graça Lopes - Parede

A Escola Fernando Graça Lopes é composta por 8 blocos interligados, com 32 salas de aulas normais, laboratórios de física, química, biologia, matemática, salas de informática, salas de desenhos, de educação tecnológica, salas de tecnologias de informação e de comunicação (TIC), sala de audiovisuais, gabinetes de trabalho, além de uma biblioteca, um auditório, um centro de recursos e um pavilhão gimnodesportivo que é partilhado com a Parede Futebol Clube. Dispõe ainda de refeitório, bar, sala de convívio e sala de associação dos estudantes.

A qualidade das instalações e a manutenção dos equipamentos são referenciados, no projecto educativo, respectivamente como um ponto forte e é um dos aspectos a melhorar. O edifício não apresenta sinais de degradação ou vandalização e é evidente o cuidado posto na sua manutenção, limpeza e embelezamento. A escola tem estado a seguir uma política de fixação das turmas às salas de aulas, para assim, os alunos poderem ser responsabilizados pela eventual degradação da mesma e do seu

equipamento. No presente ano lectivo 2009/2010 a Escola Secundária Fernando Lopes Graça-Parede é frequentada por 970 alunos, distribuídos pelo Ensino Diurno e Ensino Nocturno. Fazem parte do 3º Ciclo 41 alunos distribuídos em 16 turmas (seis do 7º ano, quatro do 8º ano e seis do 9º ano), mais trinta alunos em três turmas de CEF, (cursos de Educação e Formação); 559 do secundário regular em 22 turmas (oito do 10º ano, oito do 11º ano e seis do 12º ano), mais três turmas dos cursos profissionais em cada ano do secundário. Fazem parte do Ensino Nocturno o Ensino Básico (sistemas de blocos e unidades capitalizadas).

De um modo geral, os discentes desta escola pertencem á classe média aferida na escolaridade dos pais e encarregados de educação, que na sua maioria, possuem o 3º Ciclo e o Secundário ou o Ensino Superior. É de notar, que tanto o pessoal docente e não docente, e também os alunos demonstram grande ligação afectiva e profissional á escola e uma colaboração empenhada nas actividades da vida escolar.

1.2 Caracterização da turma de Educação Moral e Religiosa Católica

A turma de EMRC é formada por alunos provenientes do 9º A e do 9º F. Estes alunos evidenciam bons hábitos de relação interpessoal o que se justifica a afinidade de comunicação existente na turma. São alunos com um comportamento exemplar dentro da sala de aula (com excepção de um ou outro, um pouco irrequieto). Participam nas aulas com muita espontaneidade, mostram-se interessados pelos conteúdos administrados. A maior parte destes alunos tem o português como língua materna, e todos eles são levados a desenvolver conhecimentos, aptidões e competências específicas para a elaboração de um juízo moral característico de uma maturidade moral amadurecida capaz de generalizar e aplicar ao concreto da vida. A situação familiar destes alunos é estável, ainda que um ou outro seja filho de pais separados. Nesta turma há uma aluna com carências económicas e recebe apoio do SASE.

Na relação entre professores e alunos, o diálogo é tido como fundamental na medida em que proporciona as condições que favorecem um bom clima de trabalho na sala de aula e, por outro lado, auxilia a enfrentar as dificuldades deparadas neste percurso.

1.3 Integração

A integração na Escola Fernando Graça Lopes – Parede, foi boa. Fomos acolhidos pela D.^a Luísa Maria Arantes Lobato Garcês de Carvalho, professora de EMRC e orientadora do estágio nesta disciplina na escola. Em seguida fomos apresentados ao director da escola, o qual deu-nos as boas vindas e pôs-nos á vontade; aos professores e aos funcionários da Escola. Logo de início foi-nos fornecida informações detalhadas sobre a Escola.

1.4 Actividades desenvolvidas e algumas reflexões

Nas primeiras reuniões do núcleo, pude compreender os objectivos gerais que deveriam atingir a longo prazo. Assim, cada estagiário elaborou e organizou o seu *dossier* pessoal. Neste *dossier* arqueei os documentos de caracterização da turma em que realizei prática pedagógica, as actas redigidas, todas as planificações de unidades leccionadas, bem como os planos de aulas supervisionadas (com os seus materiais em anexo), os documentos das reuniões para as quais fomos convidadas, os materiais elaborados pelo núcleo e outros facultados pela professora orientadora. Além disto, no meu *dossier* podem encontrar-se os registos das actividades dinamizadas pelo núcleo.

Desde logo me senti bem enquadrada no meio escolar e com muita vontade de trabalhar, de ter um papel dinâmico na escola, de aprender mais e de dar tudo o que de melhor tinha.

O desejo de participar, de todas as formas, da vida escolar foi sempre inadiável. A princípio, eu, era constantemente invadida de incertezas e inseguranças que, mesmo assim, não impedia uma atitude de pró-actividade e de motivação. No entanto, com o acompanhamento da professora Luísa Maria Arantes Lobato Garcês de Carvalho, que sempre procurou motivar-nos, mostrando-nos técnicas, recursos e procedimentos mais adequados ao progresso da aprendizagem, todas as hesitações e dificuldades iniciais se foram atenuando ao longo do tempo.

Tudo aquilo que anotei ao longo deste estágio foi bastante marcante, pude perceber que a orgânica da escola é bastante bem orientada e que, generalizadamente, todos os professores e funcionários se esforçaram para conseguir que tudo funcionasse correctamente e de acordo com determinados princípios. Isto agradou-me imenso. Notei

uma grande capacidade de organização! Devo dizer que estou bastante satisfeita com o resultado desta experiência e ansiosa por exercer a profissão que escolhi

Através da observação das aulas pude perceber qual a postura que se deve ter (deve ser flexível, adequada à situação, cuidada), qual o tom de voz apropriado, que tipo de atitude se deve favorecer conforme o nível de ensino que se lecciona (o docente deve tratar os alunos consoante o seu nível de desenvolvimento, não devendo, nunca, infantilizar o seu discurso). Com o decorrer das aulas, as minhas apreensões, curiosidades, questões, inquietações foram mudando de perspectiva. Já começava a ter algum cuidado em observar, por exemplo, as técnicas de questionário usadas pela orientadora, tentando desmontá-las para poder treiná-las e pôr em prática nas minhas aulas. Contudo, devo confessar que esta tarefa se verificou mais difícil do que me parecia no início. É preciso bastante experiência, e uma sólida capacidade de construção de esquemas mentais, devidamente estruturados, que nos forneçam respostas/questões com enorme rapidez e naturalidade, de forma a criar um fio condutor, com coesão e coerência, que nos possibilite a materialização dos objectivos traçados. Ao longo do tempo, fui tomando mais atenção à forma como os conteúdos devem ser abordados, que tipos de conhecimentos já estão adquiridos pelos alunos e quais aqueles cuja compreensão ainda oferece maior dificuldade.

Reparei, com satisfação, que a professora procurava, muitas vezes e com grande sucesso, remeter os alunos para a realidade empírica de cada um, de maneira a que eles apreendessem com maior rapidez certas ideias/conteúdos.

À medida que o tempo passou, fui também tomando nota das atitudes dos alunos, de certos sinais que me ajudaram a entender as suas personalidades, e a perceber como poderia trabalhar com a turma. Talvez procurasse respostas à pergunta: como estabelecer uma relação pedagógica eficaz e produtiva? Fui percebendo que não existem respostas instantâneas, contudo acabei por melhorar e evoluir e, no final, consegui aperfeiçoar a forma como transmitia os conhecimentos aos alunos, fazendo-o de uma forma cada vez mais eficaz e motivadora.

Relativamente às aulas que planifiquei e leccionei as primeiras dúvidas ou complicações que senti foram ao nível da planificação.

No que concerne à leccionação das minhas aulas senti algumas dificuldades ao nível da gestão do tempo e no domínio da turma. No entanto, compreendi, aceitei e procurei minimizar os obstáculos, tentando melhorar em todas as áreas.

O tempo que ficou para trás possibilitou um aperfeiçoamento do nosso trabalho e, portanto, nesta fase, a minha atitude é de agradecimento e satisfação por tudo o que me foi proporcionado. Limei algumas arestas, redefini posições ou estratégias, aperfeiçoei a postura e, por fim, vejo que houve uma melhoria considerável ao nível do desempenho. Continuo a sentir, indubitavelmente, algumas dificuldades inerentes à minha condição, à falta de uma experiência mais alargada e profunda, contudo, as orientações e sugestões sagazes, os constantes conselhos e estímulos dos professores orientadores tanto os da UCP assim como a da escola onde se realizou o estágio, estarão sempre no meu horizonte.

2. Actividades Extracurriculares

As actividades que se desenvolvem fora da sala de aula podem constituir um espaço/tempo privilegiado para o desenvolvimento de competências e conteúdos, para a formação integral dos alunos e para o reforço dos laços entre membros da comunidade escolar.

No caso da disciplina de EMRC, este tipo de actividades possibilita o aumento do contacto dos alunos com a disciplina - transcendendo os 45 minutos semanais. Por outro lado, as actividades extralectivas poderão funcionar como uma motivação acrescida para a inscrição em EMRC, tendo em conta que a sua frequência é opcional e que a alternativa a esta disciplina é... o recreio. A criação deste tipo de oportunidades, que proporcionam à disciplina e às suas propostas uma maior visibilidade na escola, surge também como uma forma muito concreta de afirmar o próprio estatuto de cidadania do religioso e do espiritual na construção e definição da pessoa e em todo o processo educativo.

As actividades a promover deverão constar do Plano de Actividades de escola, sendo este aprovado pelo Conselho Pedagógico. Também em sede de Conselho de Turma, importa que a actividade seja aprovada e integrada no Projecto Curricular de Turma.

Neste âmbito, as possibilidades são virtualmente ilimitadas. O professor poderá levar a cabo visitas de estudo; saídas da escola; peddy paper; festas de Natal e ou de Páscoa, abertas, ou não, à participação, ou à presença das famílias dos alunos; exposições de trabalhos dos alunos, que, desta forma, são partilhados com a comunidade escolar; campanhas de recolha de bens e outros donativos; enfim, todo um leque de actividades que deverão ser seleccionadas em função da disponibilidade do professor, da idade e da consequente autonomia dos alunos, dos objectivos da disciplina e do projecto educativo da escola, das disponibilidades de tempo e de recursos financeiros dos alunos.

Uma das principais questões que o desenvolvimento deste tipo de actividades coloca é a definição do seu público-alvo. Por outras palavras, importa definir se apenas os alunos inscritos na disciplina de EMRC podem participar, ou se estas são abertas a todos os alunos. A questão torna-se mais difícil nos casos em que a escola tenha decidido que todas as actividades e visitas de estudo deverão ser interdisciplinares. Partilhamos da opinião de que, mesmo quando uma visita de estudo tem forçosamente que ser interdisciplinar, pode apenas ser dirigida a alunos que "estejam inscritos em todas as disciplinas que organizam a actividade". Desta forma, a escola respeita a liberdade dos seus alunos e não expõe aqueles que não optaram pela frequência de EMRC aos conteúdos desta disciplina. Ocorrem, no entanto, não poucas situações em que as actividades interdisciplinares são ocasião de divulgação da disciplina de EMRC, junto de alunos que não a frequentam.

Desta forma ao longo do ano lectivo, foram realizadas algumas actividades extracurriculares, que contribuíram para o enriquecimento do Plano Anual de Actividades da escola.

Ao longo do primeiro semestre, o núcleo de estágio dentro da perspectiva de futuro no exercício de funções docentes em qualquer estabelecimento de ensino, decidiu promover um peddy-paper para os alunos de filosofia e EMRC, que através do qual foi possível dar a conhecer a disciplina de EMRC, criando um ambiente de maior entrosamento entre os elementos que compõem o núcleo e a comunidade educativa local assim como as comunidades educativas vizinhas. O peddy-paper se realizou na serra de Sintra, a 11 de Novembro de 2009, tendo como objectivo:

- Desenvolver a observação e a curiosidade: conhecer o nosso património histórico-cultural, ecológico e religioso;

- Sensibilizar os alunos para os problemas ambientais: Identificar-se como pessoa responsável pela qualidade ambiental do meio em que está inserido e desenvolver atitudes de preservação do património histórico e natural;
- Desenvolver competências de relacionamento com os outros: fomentar espaço de partilha, conhecimento e amizade, entre alunos de EMRC de escolas com realidades diferentes;
- Empenhar-se na construção e manutenção da comunicação: pôr em prática alguns conhecimentos adquiridos nas aulas de EMRC, promover a vivência de alguns valores reflectidos nas aulas de EMRC: respeito pelo outro, inter-ajuda, a partilha, alegria, respeito pelas regras, a cortesia...

No segundo semestre, o núcleo de estágio, promoveu outras actividades extracurriculares sob a orientação da Orientadora a professora Luísa Maria Arantes Lobato Garcês. A primeira foi “Olimpíadas de EMRC” que se realizou no Colégio dos Maristas em Carcavelos, a 24 de Março de 2010. Estas olimpíadas contaram com a participação de oito escolas da Zona Termo 1 – A Cascais. Teve como objectivo, para além de testar os conhecimentos dos alunos de EMRC adquiridos ao longo das aulas, serviu também para promover um saudável convívio entre os alunos e professores EMRC da Zona de Cascais.

Com base em algumas competências do programa de EMRC, a orientadora do núcleo de estágio a professora Luísa Maria Arantes Lobato Garcês em conjunto com os estagiários, programaram e organizaram uma visita de estudo para os alunos do 8º, 9º e 10º ano a S. Tiago de Compostela e Corunhã durante três dias do mês de Março de 2010. É de notar que não foram somente os alunos da escola secundária Fernando Lopes Graça-Parede, mas sim, participaram também alunos do agrupamento de escolas D. João – Caldas da Rainha, na qual o estagiário Mário Barreiro é docente. Foi uma experiência magnífica, não só para os alunos assim como para nós os professores. Avaliando, deu para sentir e apreciar a beleza dos episódios históricos, factos sociais, a partir de tudo que vimos e tocamos. Também foi um momento em que os alunos da Escola Fernando Lopes Graça puderam relacionar-se com alunos de outras escolas, com base nos valores humanos e cristãos.

Uma terceira actividade extracurricular no âmbito do projecto da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica para o ano lectivo 2009/2010, sob o tema “A Palavra entre

as palavras “visitar na cidade de Lisboa, Templos de diferentes confissões religiosas tais como: Templo Hindu; Centro Ismaili (ramo shiita do Islão); visita ao Mosteiro e Museu de São Vicente de Fora. Esta actividade contou com a participação de professores e alunos das escolas de S. João de Estoril e da Cidadela - Cascais. O objectivo foi desenvolver competências de relacionamento/ comunicação com os outros; conhecer as outras religiões, promover o diálogo inter-religioso; desenvolver atitudes de respeito face às outras confissões religiosas.

Todas estas actividades na disciplina de EMRC ajudam não somente os alunos a aprofundarem os conhecimentos adquiridos nas aulas assim como estes (alunos) se tornam mais sensíveis a realidade que vivem.

Deste modo gerou-se uma dinâmica a todos os níveis louvável e mesmo a pesar do facto de apenas nos encontramos na escola um dia por semana, já sentimos que fazemos parte da comunidade e que ela conta connosco.

Nesse sentido é de enaltecer a dedicação e empenho da orientadora do núcleo de estágio, professora Luísa Maria Arantes Lobato Garcês de Carvalho, pela forma como providenciou todas as condições para que o núcleo levasse por diante as tarefas a que se propunham.

Este é o objectivo que o núcleo entendeu levar a efeito um conjunto diversificado de eventos, através dos quais foi possível dar a conhecer a disciplina de EMRC, criar um ambiente de maior entrosamento entre elementos que compõem esse núcleo e a restante comunidade educativa.

2.1 A planificação do processo ensino-aprendizagem

Nas planificações das nossas aulas, tentamos criar algo que fosse adequado às unidades em estudo, mas também de forma que estimulasse os alunos e que os mantivessem motivados para a progresso na disciplina. Para tal, tentamos criar propostas de trabalho diversificadas e que ao mesmo tempo tratassem de assuntos que fossem relevantes para os alunos.

No caso do trabalho docente, a planificação inclui-se num dos aspectos mais importantes do ensino, porque determina em grande parte o conteúdo e a forma do que é ensinado nas escolas².

De acordo com Arends: os professores planificam tendo em vista diferentes ciclos de planificação ou períodos temporais que podem ir desde a planificação anual, do período, da unidade até á semanal e diária³.

Todavia, Arends alerta-nos que ao lado das consequências positivas da planificação para a aprendizagem e para o comportamento na sala de aula, ela poderá também ter consequências negativas. A este respeito escreve: «*A planificação pode aumentar a motivação do estudante, ajudá-lo a centrar-se na aprendizagem e eliminar os problemas de gestão da sala de aula. A planificação pode também apresentar aspectos negativos não previstos; pode por exemplo, limitar a iniciativa do estudante na aprendizagem e tornar os professores insensíveis às ideias dos seus alunos*»⁴.

De qualquer forma, Arends reforça que tanto a teoria como o bom senso sugerem que qualquer tipo de actividade quando planificada, os resultados a obter são bem melhores⁵.

No que respeita ao trabalho individual, merece especial realce a planificação da actividade lectiva. «*Uma boa planificação envolve a distribuição do tempo, a escolha dos métodos de ensino adequados, a criação de interesse nos alunos e a construção de um ambiente de aprendizagem produtivo*»⁶. A primeira nota que se deve acentuar é que a planificação não é um acto mecânico e automaticamente generalizável para todos os grupos/turmas. Planifica-se para públicos específicos, em função do conhecimento desses públicos e tendo em conta as necessidades e as potencialidades de todos e de cada um dos alunos⁷. A realização de um teste ou de uma actividade de diagnóstico pode ser um bom ponto de partida para uma planificação inicial.

² Arends, R. I. – Aprender a Ensinar, Pág 67.

³ ARENDS, R. I. – Aprender a Ensinar. Pág. 54.

⁴ Ibid, pág. 67.

⁵ Ibid, pág. 45

⁶ Ibid, pág. 92.

⁷ . O ideal é que o professor possa dispor de estratégias e de actividades diferenciadas que acolham e integrem os alunos com maiores dificuldades, conduzindo-os ao sucesso, mas que também permitam que os alunos de mais elevado potencial os mais elevados patamares. Não devemos esquecer que uma escola verdadeiramente inclusiva é aquela que leva todos e cada uma dos seus alunos ao seu máximo de desenvolvimento.

O desenrolar das actividades planificadas, bem como o progressivo conhecimento de cada grupo específico de alunos, poderá levar a uma reconfiguração da própria planificação⁸. Desta forma, pretende-se que cada turma atinja o seu máximo de desenvolvimento e de aquisição de conhecimentos.

O programa de EMRC refere que *«a noção de competência é estruturante para a nova concepção do processo ensino-aprendizagem»*⁹. Nesta perspectiva, *«o objectivo do ensino não é produzir conhecimento inerte, cuja utilidade é quase exclusivamente a sua aplicação em situações de avaliação pedagógica, mas a promoção das competências dos alunos como pessoas que sabem pensar, resolvem problemas ou colocam questões inteligentes e desafiadoras em diversos campos da realidade. A esta perspectiva está subjacente uma compreensão da aprendizagem como uma construção activa do conhecimento»*¹⁰. Desta forma, mais do que transmitir - ou levar os alunos a adquirirem o conhecimento de conteúdos - o desafio que se coloca ao professor é levar os alunos a adquirirem ou a desenvolverem as competências específicas da sua disciplina.

Com base na nossa prática lectiva, entendemos que os objectivos da aprendizagem dos alunos deverão ser claramente explicitados, sendo a avaliação um precioso auxiliar do trabalho do professor e do sucesso dos alunos.

Os resultados da avaliação formativa deverão ser comunicados aos alunos, de modo a que estes possam reorientar os seus esforços e as suas metodologias de estudo e de trabalho. Tal necessidade é, na nossa perspectiva, reforçada pela reduzida carga lectiva semanal - apenas 45 minutos por semana - facto que aumenta a necessidade de potenciar e rentabilizar as aprendizagens dos alunos.

No que respeita à avaliação sumativa, parece-nos estar em causa a justiça nos resultados escolares dos alunos, a credibilidade da disciplina - perante os alunos, encarregados de educação e até perante os restantes professores - bem como um reforço da motivação dos alunos para o estudo e a aprendizagem.

⁸ . «O docente procede a periódicas reformulações da sua planificação do processo ensino-aprendizagem a partir do conhecimento, cada vez mais aprofundado, dos alunos e das suas necessidades concretas» (SNEC - Programa de Educação Moral e Religiosa Católica - Ensinos Básico e Secundário, p. 21).

⁹ . SNEC – Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Ensinos Básicos e Secundários, pág.15.

¹⁰ . CARVALHO, Cristina Sá – Metas Educativas e Avaliação Pedagógica, in: Secretariado Nacional da Educação Cristã – *Pastoral Catequética*. Pág. 150.

A planificação de diferenciados instrumentos de recolha de elementos, sobre a evolução das aprendizagens dos alunos, permitirá ainda uma permanente verificação da adequação das estratégias do professor, dos materiais e metodologias utilizadas e do potencial de desenvolvimento de cada aluno.

Na prática lectiva, o facto de o professor dispor de uma ponderada e adequada planificação, confere ao seu trabalho e à sua relação com os alunos intencionalidade e segurança. No entanto, defendemos que a planificação não deverá nunca constituir um fim em si mesma. Em cada aula, apoiado numa boa planificação, o professor deverá colocar à disposição dos alunos o que de melhor há em si: a sua sensibilidade ao clima da sala de aula, a capacidade de partir das experiências e das contribuições dos alunos, enfim, a sua capacidade de estabelecer uma relação com a turma em geral e com cada aluno, na sua especificidade, em particular. Desta forma, o ideal é que cada aula seja única e irrepetível, marcando indelevelmente, quer os alunos, quer o próprio professor.

2.2 Reflexão crítica

O estágio foi um trabalho desenvolvido que resultou de um esforço e empenho pessoal e por outro lado, da orientadora do núcleo de estágio, a professora Luísa Maria Arantes Lobato Garcês, que tendo em conta a necessidade de adaptação a uma nova realidade escolar e cultural, para além da responsabilidade inerente à tarefa de ensinar, não hesitou em lançar-nos para a grande realidade da disciplina de EMRC.

A metodologia sugerida e seguida criou, em nós, um constante desafio pela necessidade de estarmos mais preparados para poder corresponder às exigências próprias da função docente.

Uma das aprendizagens que tivemos a oportunidade de aprofundar e que se revelou, eficientemente, numa mais-valia, foi ao nível da planificação, sobretudo no que concerne à operacionalização das competências.

As possibilidades que se abrem com as experiências que se podem concretizar, tendo em conta o paradigma do processo ensino-aprendizagem, são quase inesgotáveis. À flexibilidade na gestão do novo programa da disciplina de EMRC, associam-se critérios de selecção de competências, conteúdos e estratégias que desafiam, constantemente o professor a ser, polivalente e criativo.

Ao longo do ano, o relacionamento com as alunas foi positivo e, apesar de a turma ser constituída por um número reduzido de alunos, esforçamo-nos em estar atentos às suas necessidades e motivações, a fim de assegurarmos a sua participação, com alguma facilidade, capacidade de concentração e atenção.

Constatamos que a turma constituiu a unidade funcional de referência da estrutura educativa. Por isso, o clima afectivo da sala de aula é identificado como uma importante variável para o sucesso do nosso trabalho educativo.

Envolvidos neste clima fraterno, nos sentimos mais firmes para podermos avançar com a nossa carreira de docentes tendo em conta que muito ainda fica por corrigir e aperfeiçoar.

Para uma melhor actuação no campo educativo depende, em grande medida, do desenvolvimento e qualidade de formação dos professores. Para esse incremento contribui, de forma decisiva, a atenção dada à prática pedagógica e, nomeadamente ao estágio, concretizado através de actividades diferenciadas que incluem a observação, a análise e a responsabilização por actividades docentes.

Sentimos que o estágio é imprescindível para a construção da identidade profissional do docente, porque permite a integração entre conhecimentos teóricos e procedimentos e a necessária aproximação às situações em que decorrem o exercício profissional. Por um lado, são contempladas a dimensão pessoal e racional, por outro, a institucional e organizacional.

Este ano de formação prática reveste-se, de importância fundamental, de proporcionar, a nós estagiários condições para crescermos numa escola, em contexto real, nas funções de professor, as quais foram acompanhadas de perto pela orientadora local, a professora Luísa Maria Arantes Lobato Garcês de Carvalho, da Escola Fernando Graças Lopes - Parede e pelos supervisionadores docentes da Universidade Católica, os professores: Cristina Sá Carvalho e Juan Francisco Ambrósio - chamados orientadores, coordenadores, ou supervisores - já que estas designações têm a ver com o uso e não com a legislação.

2.3 Avaliação pessoal do desempenho

a) Área do Saber

A competência pedagógica e a motivação são fundamentais para um professor, é igualmente essencial que saiba transmitir aos seus alunos alguma afectividade e sensibilidade.

No que concerne à área do saber, e no âmbito da disciplina de EMRC, considero que possuo uma boa capacidade de transposição didáctica, pondo em prática diversas metodologias. Também não tenho qualquer problema ou dificuldade em conceber estratégias e actividades adequadas que conduzam ao desenvolvimento das competências do aluno. Devo ainda referir que é com a máxima preocupação e honestidade que procuro criar, geralmente, situações e instrumentos didácticos propícios ao enriquecimento cultural e cognitivo dos alunos.

b) Área do Fazer

De acordo com o que se verificou no início do ano lectivo, continuo bastante motivada, facto que se reflectiu na preparação e elaboração dos meus planos de aula, os quais apresentaram sempre que possível estratégias e actividades criativas, diversificadas e funcionais, sendo preparados atempadamente.

Sempre procurei adoptar uma postura muito correcta em aula, e uma atitude de muita firmeza, objectivo que fui conseguindo ao longo de todo o ano lectivo. Desde o primeiro momento, a minha atitude de receptividade relativamente a críticas e sugestões permitiu-me avançar e evoluir, o que se revelou na agilidade com que seleccionava os conteúdos, as estratégias e actividades, de acordo com o nível etário e o comportamento dos alunos.

No que respeita ao tempo de cada aula, encontrei algumas dificuldades iniciais, tendo conseguido ultrapassar esse obstáculo. Ao nível da fundamentação do processo didáctico-pedagógico, pude ultrapassar algumas dificuldades, que fui encontrando ao longo do desempenho prestado á esta tarefa.

No espaço da realização, considero que sou comunicativa; capaz de gerir situações imprevistas de forma eficaz e de imprimir flexibilidade no cumprimento do plano, quando as situações o exigem.

Em todos os momentos do meu desempenho, o meu esforço maior prendeu-se com a explicação dos conteúdos, preocupando-me sempre em fazê-lo com a profundidade e rigor obrigatórios, usando as estratégias mais eficazes que pude conceber. Na concretização das aulas, recorri muitas vezes à elaboração de sínteses, esquemas e sistematizações que considero necessários para uma melhor transmissão de determinados conteúdos. Pude utilizar os meios audiovisuais e as tecnologias de informação e comunicação, conseguindo explorar os recursos de acordo com a sua rentabilidade e funcionalidade.

Relativamente à avaliação dos alunos, aprendi a construir instrumentos de avaliação de diagnóstico, formativa e sumativa, procurando reflectir acerca do processo e dos métodos de ensino-aprendizagem.

Tendo em conta a interacção professor/alunos, o seu desenvolvimento psico-afectivo e as relações disciplinares na aula, avalio de forma bastante benéfica a relação pedagógica que estabeleci com os alunos e considero-a equilibrada.

c) Área do Ser

O professor deve ser uma pessoa bastante criativa, a fim de despertar a atenção necessária junto dos seus alunos. Para tal, é preciso ser uma pessoa muito atenta às necessidades dos alunos a fim de não quebrar expectativas e permitir o melhor desenvolvimento dos mesmos; é necessário estar-se aberto às novas tecnologias e ao ensino diversificado. No meu desempenho procurei seguir esta conduta e, penso que o consegui. Sou incapaz de ter atitudes de intolerância ou desrespeito, procurei melhorar sempre mais a minha capacidade de negociação, promovendo boas relações de trabalho, quer entre os alunos, quer entre o meu colega e a orientadora do estágio, desenvolvendo ao mesmo tempo o espírito de equipa. Sinto que sou uma pessoa com grande capacidade de iniciativa e abertura à mudança, e procurei sempre que possível dar a palavra aos alunos, para que estes pudessem revelar abertamente as suas opiniões, os seus anseios e sentimentos.

Sempre me preocupei com a imagem que transmitia junto dos alunos; com o bom funcionamento do horário escolar, demonstrando ser assídua e pontual. Desde o primeiro dia, fiz questão de estabelecer um bom relacionamento com toda a comunidade escolar.

Considero-me uma pessoa bastante sociável e generosa e, perante o núcleo de estágio, adoptei sempre uma postura de compreensão, disponibilidade, empenhamento e ajuda.

A concretização das aulas foi sempre o meu maior prazer, senti-me bem no meu papel e isso, me ajudou a crescer, olhando o futuro com esperança.

A prática pedagógica na disciplina de EMRC contém todos os aspectos que se aplicam a qualquer prática pedagógica em outra disciplina. Assim toda a prática pedagógica em geral se aplica também á prática pedagógica na disciplina de EMRC.

A escola é o lugar privilegiado da acção pedagógica. No nosso núcleo de estágio, Escola Secundária Fernando Lopes Graça – Parede, a prática pedagógica é actual, dinâmica, operacional.

Tudo isso, se coaduna, desde o como preparar uma aula, que técnica metodológica a usar, ou técnica de transmissão cultural, ou mesmo outras formas, nas quais decidimos, quais as habilidades, e quais as competências, que queremos que os alunos desenvolvam. Isso requer um profundo trabalho desde a sua abordagem na sala de aula, com meios áudio visuais e outros materiais didácticos.

SEGUNDA PARTE

O Projecto Pedagógico de Teresa de Saldanha¹¹

¹¹ Esta segunda parte foi preparada tendo em atenção as sugestões que o Prof. Doutor António Matos Ferreira deu, o que muito se agradece.

1. Contexto ideológico e sociopolítico na época em que viveu Teresa de Saldanha

Ao se referenciar o projecto pedagógico de Teresa de Saldanha, antes de mais, é importante que nos situemos no tempo e no espaço em que viveu, para melhor se compreender a sua acção educativa e pedagógica.

Portugal, no séc. XIX, em virtude da herança iluminista, não permaneceu alheio ao desenvolvimento do pensamento liberal. A difusão e influência dos ideais preconizados pela Revolução Francesa e introduzidos na Europa, nos finais do século XVIII, logo a seguir a revolução industrial, repercutem-se aqui, inevitavelmente, com todas as suas políticas sociais, económicas e religiosas.

Portugal vivia também um ambiente profundamente marcado por graves convulsões políticas e sociais. Com as invasões francesas, os acontecimentos precipitaram-se. Dá-se a entrada de novas influências e ideologias vindas da Europa. Começam a generalizar-se os princípios e ideais de liberdade veiculados pela Revolução Francesa. A sua assimilação depressa toma contornos que favorecem e desencadeiam a Revolução Liberal.

As diferentes maneiras de entender o Liberalismo e de o conjugar com a Monarquia vigente e com os interesses das classes dominantes na cena política, dão origem a situações de conflito, revoluções e contra-revoluções, lutas entre liberais e absolutistas. No próprio seio do partido liberal, onde se disputam facções opostas, dá-se a vitória do Liberalismo e com ela assiste-se à sucessão contínua de governos e governantes diante de uma Monarquia frágil e impotente.

É certo, que havia católicos que eram também politicamente liberais – era o caso da família de Teresa de Saldanha – e, para esses, a vida religiosa devia ser permitida como liberdade de opção e contributo à vida portuguesa, sobretudo na assistência, no ensino. Mas não eram maioria entre os liberais nem eram certamente os que mais faziam valer as suas ideias na opinião pública e na legislação.

A revolução industrial, operada na Europa, trouxe a Portugal avanços científicos e tecnológicos, importados sobretudo da Grã-Bretanha e da França, que possibilitaram o desenvolvimento do comércio e da indústria. Mas este facto, se por um lado trouxe a alguns benefícios e privilégios, particularmente a afirmação e ascensão da burguesia, por outro acentuou as desigualdades sociais e agravou a condição social e económica

dos mais pobres, ou seja, do povo, particularmente as mulheres, as crianças e os jovens. Marginalizados e condenados à miséria e ao analfabetismo, constituíam mão-de-obra barata que garantia e sustentava o comércio e a indústria, muitas vezes trabalhando em condições verdadeiramente desumanas. Neste contexto, o ambiente geral era de grande miséria.

O regente D. Pedro, influenciado pela maçonaria, aceitou a proposta apresentada pelo ministro Joaquim António de Aguiar de abolir todos os mosteiros femininos e masculinos, e dispersar a sua população o que aconteceu em 1833 e 1834 respectivamente. Estavam extintas as ordens religiosas em Portugal e domínios.

As ordens religiosas regressaram, mais tarde, embora de forma muito moderada, e disfarçadamente. Em 1857 algumas Irmãs de S. Vicente de Paulo, francesas, entraram em Portugal, mas saíram cinco anos mais tarde, em 1862, devido à campanha anticlerical que contra elas se moveu. As Irmãs de S. Vicente de Paulo lançaram as bases da Associação Protectora de Meninas Pobres, fundada em 1859, da qual, Teresa de Saldanha fez parte da primeira direcção, vindo a presidir à segunda, tendo sido sucessivamente reeleita até 1916, ano da sua morte.

Para suprir a falta das irmãs expulsas e pelo desejo ardente de poder fazer alguma coisa pelo seu país, fundou a Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, a primeira Congregação de origem portuguesa, cujo fim principal é a educação.

O desenvolvimento e a interiorização do pensamento liberal, da liberdade mal entendida, criaram a necessidade de contrariar esta realidade, pela convicção de que só novas formas de entender a sociedade e até mesmo a religião, permitiriam construir uma nova nação.

Apesar dos acontecimentos que transformaram profundamente a sociedade portuguesa, o catolicismo mantém-se como referência principal. No interior das suas estruturas manifestam-se diferentes sensibilidades que expressam as mais diversas atitudes e comportamentos face aos acontecimentos na primeira metade do séc. XIX. A sua história é, assim, marcada por momentos de crise e de renovação.

2. O Conceito Pedagógico em Teresa de Saldanha

Teresa de Saldanha não teve um conceito pedagógico definido. Foi-o adquirindo ao longo da sua acção educativa. Como se lêem nos seus escritos, Teresa de Saldanha não definiu nenhum conceito, mas implementou-o e fê-lo desenvolver numa época em que tudo parecia não ter recuperação na sociedade. A sua preocupação em dar uma formação integral ao indivíduo desde a infância, fê-la criar escolas onde todos os seus colaboradores seguissem a linha pedagógica traçada por ela, tendo como objectivo a eficácia da acção educativa. Desejava desenvolver e fazer crescer os alunos, não só intelectual mas também espiritualmente ajudando-os a vivenciar os valores propostos nas suas escolas tais como: verdade, solidariedade, confiança, coragem, perdão, criatividade e justiça.

Ciente de que é do educador e do seu empenhamento pessoal e dedicação que depende, em boa parte, o resultado da educação, Teresa de Saldanha punha enorme cuidado na escolha das mestras e, sobretudo, na sua preparação. Queria gente responsável, em quem pudesse confiar; que tivesse gosto e jeito para o ensino, e não hesitava mesmo em dispensar os serviços de quem não desempenhasse convenientemente as suas funções, pois dizia: «*Tenho obrigação de ter gente capaz nos nossos colégios*»¹². Eram os valores humanos o que mais apreciava e procurava desenvolver nas mestras: capacidade de dedicação e zelo, bondade e ternura. Exortava frequentemente as mestras a terem muita caridade e paciência com as meninas, mas ao mesmo tempo firmeza para bem as educar, que procurassem fazer entender o que ensinavam e que fossem alegres. Procurava assim que se estabelecesse entre mestras e educandas uma relação próxima, afectiva, baseada na confiança e no respeito.

Teresa de Saldanha soube ser mestra, porque soube aprender com Deus, com as pessoas e com as circunstâncias. Por isso, fez escolas. Foi uma grande educadora porque se dedicou com paixão, toda a vida, à educação. Ensaçou um método pedagógico baseado nos valores, na dignidade e na liberdade da pessoa humana, centrado no amor. Revelou-se uma grande pedagoga, mestra da juventude a quem educou, aliando a autoridade com a amizade.

¹² Cf. ADSCS – Relatório de 1908.

Como o afirma a Dr.^a Helena Costa Pinto dos reis Miranda Ribeiro de Castro citando (Deus, pág.5); Teresa da Saldanha procurou na sua pedagogia *«uma forma mais prática e inteligente de utilizar as capacidades visuais das crianças, aliando-as a um raciocínio lógico, na convicção de que «em cérebros tão tenros e mimosos todo o cansaço e violência pode deixar vestígios indeléveis»*¹³.

O esforço educativo de Teresa de Saldanha não se fixou sobretudo em métodos instituídos. Conhecedora deles, procurou, acima de tudo, levar a cabo um estilo de educação muito próprio investindo, simultaneamente, em três níveis diferentes e complementares: o espaço físico das escolas e o material didático, as educadoras e a sua formação, os educandos e os regulamentos. A primeira preocupação de Teresa de Saldanha era a escolha das escolas e do material, em que se empenhava pessoalmente. Numa carta a Ir. Maria José Barros e Castro dizia: *«Acho que devemos fazer todos os arranjos (...) e ficar tudo muito bem arranjado. É verdade que as aulas são pequenas, mas paciência, não é possível chegar a todos, e acho que é necessário receber só o número de crianças que cabem bem na aula e nada mais»*¹⁴.

Tornou-se uma referência e uma presença constante entre os alunos e a sua influência fazia-se sentir, quer nos pequenos detalhes do dia-a-dia, como nas circunstâncias solenes. Falava das suas crianças com muito afecto *«as minhas pequenas»*¹⁵, Chamando-as pelos seus nomes.

Nos regulamentos que escreveu não queria estruturas rígidas. Se a perfeição era a regra de ouro para Teresa de Saldanha, apostava, sobretudo, no empenho que as mestras e os alunos deveriam pôr em tudo, não esquecendo nunca que se tratava de pessoas em processo de crescimento. Os regulamentos descrevem, a alternância dos tempos de aulas, estudo, refeições, recreios, dos trabalhos de mãos que cada menina devia apresentar no fim do ano; das regras de educação e da boa convivência social tal como o respeito pelos outros, a adequação da linguagem, o arranjo e as boas maneiras.

¹³ Cf. Miranda, Helena Costa Pinto Reis – *Pedagogia de Teresa de Saldanha – um contributo para a história da formação pessoal e social em Portugal no século XIX*. 1993. Pág.66.

¹⁴ Cf. ADSCS – Carta a Irmã Maria José Barros e Castro, 10 de Março de 1881.

¹⁵ Cf. ADSCS - Relatório de 1877.

A educação ministrada tinha como factor de estímulo¹⁶: as fitas distintivas, as boas notas, os livros instrutivos, os catecismos, vestuários ou calçados, no caso de crianças mais necessitadas.

Teresa de Saldanha considerava que só era perfeita a educação que completasse os dois eixos: vertical – o amor de Deus e os valores cristãos; Horizontal – o amor ao próximo. Se educar é formar o coração, só na abertura a Deus e ao próximo se encontra a felicidade.

Podemos afirmar que para Teresa de Saldanha, a educação é a obra por excelência, pois dela depende o futuro do país. Ela é uma urgência no meio de uma sociedade que necessita de ser elevada. Educar é a mais nobre missão que um ser humano pode prestar a uma sociedade carente do saber, tanto em ordem como educação e instrução.

2.1 Educar para os valores humanos, cristãos e sociais, um desafio

"O mundo tem sede de ideal ou de valores a que chamaremos de morais (...). Cabe à educação a nobre tarefa de despertar em todos, segundo as tradições e convicções de cada um, respeitando inteiramente o pluralismo, esta elevação do pensamento e do espírito para o universal e para uma espécie de superação de si mesmo"¹⁷.

Educar é formar pessoas com capacidade de compreender e transformar o mundo segundo os valores cristãos, humanos e sociais, bem como acompanhar os avanços tecnológicos, científicos e culturais, orientando a sociedade actual para alcançar o bem comum, a verdade e a felicidade. A sua prioridade é incutir nos jovens o respeito à pessoa humana, impulsionar, estimular, guiar e exercitar, desenvolvendo as suas habilidades e a capacidade de discernir, o amor ao estudo, a busca da verdade e um relacionamento livre e pessoal com Jesus Cristo, com o próximo e consigo mesmo¹⁸.

¹⁶. No final do ano lectivo, em cada escola organizava-se a exposição de trabalhos efectuados ao longo do ano pelas alunas – incluindo trabalhos de escrita, bordados e tapeçarias – que eram também examinadas em leitura, escrita, gramática, aritmética, sistema métrico, catecismo, história sagrada e geografia. Teresa de Saldanha diligenciava para que os trabalhos das meninas da Associação fossem reconhecidos nas exposições, como foi o caso da exposição de Viena de Áustria, para onde foram, obtendo um Diploma de Mérito. A sua acção educativa ia para além da escola. Costumava escrever às alunas em férias, a dar os parabéns, a felicitar ou mesmo ao corrigir. O seu desejo era que as crianças ali educadas pudessem adquirir um carácter sério e verdadeiramente religioso.

¹⁷ Cf. UNESCO, *EDUCAÇÃO: um tesouro a descobrir*. Ed. ASA, 1977. Pág. 15.

¹⁸ Cf. Relatório - ASSOCIAÇÃO DAS MENINAS POBRES. 1892, pág. 37.

O aprofundamento da fé constitui o elemento essencial da acção educativa. Nesta, tudo se deve conjugar de modo a levar os jovens a uma opção consciente dos valores cristãos e a prepará-los para serem evangelizadores do seu ambiente.

O homem e a mulher, como ser racional, possui capacidades que o diferenciam do resto dos outros seres vivos. Uma das suas capacidades é emitir “juízos de valores”, isto é, dar valor às coisas que o rodeiam.

Para Teresa de Saldanha, toda a educação dada aos jovens, tem como base a assimilação e aprofundamento dos valores. O ser humano, para se comportar como tal, tem que entender bem o alcance dos valores que lhe são propostos e a sua natural tendência à felicidade. É dever da pessoa fazer uma escala de valores e estabelecer uma hierarquia entre eles. Assim compreenderá que há valores que devem ser sacrificados em troca de valores mais altos. A diferente hierarquia de valores é o que dita as atitudes morais a cada indivíduo. É evidente que a educação de uma pessoa dependerá desta escala de valores que foi interiorizando e que se encontra em acordo com o próprio projecto de vida.

Educar o homem nos valores humanos é educar para que se oriente nos valores reais da vida. Falar de valores humanos significa aceitar que o homem é o supremo valor entre todas as realidades humanas e que acima dele, não se deve antepor nenhum outro valor terreno, como dinheiro, estatuto ou ideologia.

O mundo dos valores pode servir de guia para a humanidade e as suas aspirações de paz e fraternidade, devem servir também ao indivíduo nos seus desejos de auto-realização e aperfeiçoamento. É a escala de valores que determina os seus pensamentos e a sua conduta. A coerência de um sistema de valores bem definido, sentido e aceite instalará no sujeito uma indefinição e o vazio existencial que o deixará à mercê de critérios alheios.

Os valores são frutos de uma opção livre e responsável, adquiridos e não inatos. Aperfeiçoam o ser humano, dão identidade e direcção ao Eu, com o seu poder de atracção para ir mais além. Os valores diferenciam-se das normas, visto que não dizem o que fazer, mas como ser. Caracterizam um estilo, uma convicção e um posicionamento de vida onde todo o ser humano é chamado a decidir na sua vida, o que ser, como ser, ter objectivos a realizar e critérios no seu agir.

A educação é o percurso da personalização, e não apenas socialização e formação para a cidadania. A educação autêntica é a educação integral da pessoa. Isto exige promoção dos valores espirituais, estruturação hierárquica de saberes e de valores, integração do saber científico-tecnológico num saber cultural mais vasto, mais abrangente e mais englobante. Exige igualmente partilha dos bens culturais e democratização no acesso aos conhecimentos, aos saberes científicos e competências tecnológicas, que são património comum da humanidade. Exige ainda promoção do homem-pessoa em recusa do homem-objecto de mercado, rejeição de todas as formas de alienação do ser humano, defesa do primado da solidariedade e da fraternidade sobre o interesse egoísta e a competição desenfreada.

Para as continuadoras de Teresa de Saldanha a finalidade última da aventura educativa é a descoberta do sentido da vida. Daí que no Projecto Educativo das nossas escolas, os valores, nomeadamente os valores culturais, morais e transcendentais, que animam o processo educativo, motivem o gosto de viver.

Na actualidade encontramos uma pluralidade de valores que nos interpelam e que são ambivalentes. Daí a necessidade de confrontar os novos valores educacionais com Cristo revelador do mistério do homem. Na nova educação, trata-se de fazer crescer e amadurecer a pessoa segundo as exigências dos novos valores.

Uma autêntica educação exige um enraizamento na verdade do homem, isto é, no respeito integral pela sua origem e pelo seu destino transcendente, pela defesa da sua dignidade inalienável e inviolável ao longo do processo do seu desenvolvimento desde a sua concepção.

3. Leitura e desenvolvimento da Unidade Lectiva 4: á luz do pensamento pedagógico de Teresa de Saldanha

3.1 A Escola Católica

São designadas por escolas católicas aquelas que são dirigidas pela autoridade eclesiástica competente ou por uma pessoa jurídica eclesiástica pública. A instrução e a educação na escola católica baseiam-se nos princípios da doutrina católica. Os professores primam pela recta doutrina e pela integridade de vida.

Todas as escolas católicas estão ao serviço da missão da Igreja e são chamadas, por isso, a assumir a sua missão evangelizadora. Todo o ambiente da escola, como comunidade educativa, deve estar impregnado dos valores cristãos e as actividades curriculares e extracurriculares, ordenadas e iluminadas pela fé cristã em diálogo com a cultura e com a vida.

A missão da escola católica é formar o aluno segundo uma visão antropológica integral, apesar de estar aberta a todos. Respeitando a identidade de cada um, não pode deixar de apresentar a sua perspectiva educativa, humana e cristã. Educar implica escolher como meta principal a construção de uma pessoa autêntica e íntegra. Não se educa em abstracto; é a pessoa concreta, inserida numa tradição viva que necessita de aprender a interpretar, de modo crítico, os saberes, as tradições, os valores que a sociedade lhe apresenta. É este o papel da IDSCS, seguindo o exemplo de Teresa de Saldanha, sem fugir da sua linha pedagógica adquirida com amor na sua acção educativa.

Apesar das vicissitudes por que tem passando, ao longo dos séculos, a escola católica teve e tem um papel de relevo na formação integral das pessoas como no-lo ensina o Concílio Vaticano II ao afirmar que a escola católica tem, actualmente, uma função muito importante a desempenhar na vida do homem de hoje: *«Todos os homens de qualquer estirpe, condição e idade tem direito inalienável à educação, correspondente ao próprio fim, acomodada à própria índole, sexo, cultura e tradições pátrias e ao mesmo tempo, aberta ao consórcio fraterno com os outros povos. A verdadeira educação pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e simultaneamente, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades uma vez adulto, participará»*.¹⁹

Nas escolas das IDSCS, não é possível educar sem ajudar os alunos a adquirir um conhecimento objectivo e científico do mundo e da vida. Por outro lado, não é possível educar apenas com base em conhecimentos científicos. À luz de Jesus Cristo, as crianças, adolescentes e jovens procuram o sentido do mundo, quer no seu fundamento ontológico quer enquanto interacção e expressão de todas as realidades científicas, técnicas, sociais, culturais e religiosas.

¹⁹ Cf. Declaração sobre a Educação Cristã, in Concílio Vaticano II, nº 1, pág. 315.

A abertura á dimensão religiosa e, por conseguinte, à transcendência, é uma constante no indivíduo de todas as culturas e civilizações. Por isso, a pessoa transporta consigo essa abertura ao Outro, à verdade, á beleza, ao mistério, onde se justifica e se reconhece portadora de futuro e de sentido. O ser humano não se esgota no horizonte do espaço e do tempo. A dimensão transcendente conduz a pessoa ao mais profundo de si mesma. A sua busca permanente de liberdade, a constante procura de sentido, reclama a possibilidade de contemplar os valores religiosos, para satisfazer plenamente os anseios humanos.

Sendo a educação uma tarefa fundamental da sociedade, como contributo para o desenvolvimento integral e harmonioso das crianças, adolescentes e jovens e para a participação activa na cidadania, a Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas pertencentes a Congregação das IDSCS é uma questão de primeira importância para os alunos, as famílias, e a própria sociedade.

3.2 A Escola Estatal

A dimensão religiosa e moral é uma componente essencial da Educação Escolar, pois sem ela não é possível a transmissão de valores sérios e duradouros, que dão verdadeira coesão à nossa sociedade.

A Educação Moral e Religiosa são determinantes para que a Escola ajude os educandos a elaborarem o seu projecto pessoal de vida. De facto, só uma vida com projecto vale a pena ser vivida e é disso que precisam os nossos jovens

Como já foi dito noutro lugar, o Homem é o centro, o fundamento e o fim da educação que, para ser eficaz, tem de abranger todas as dimensões: humanas, afectivas, cognitivas, religiosas, etc.

É neste conceito que se legitima a existência e a necessidade da disciplina de EMRC na Escola Estatal. Um Sistema de Ensino que exclua o Ensino Religioso, ou negue a sua possibilidade, é um Sistema de Ensino deficitário e incompleto que não tem em conta a formação da pessoa como um todo harmonioso.

A preocupação, pela plenitude da pessoa humana, levou à criação da disciplina de EMRC nas Escolas da Rede Estatal. É ensino confessional, não é catequese, mas

transmissão dos valores humanos e das referências que constituem o nosso património cultural de matriz cristã: compreensão do mundo e do homem, história e papel das religiões, participação activa na comunidade, promoção da solidariedade, educação para a responsabilidade e boa relação.

O lugar da EMRC na Escola Estatal tem sido ultimamente objecto de alguma polémica e encontra-se, neste momento, ameaçado. Algumas correntes ideológicas e políticas esforçam-se por relegar esta disciplina para a margem do programa escolar. Mas EMRC é diferente da catequese.

Tem uma orientação cultural e formativa, enquanto procura abordar a religião na perspectiva da cultura e, portanto, como alicerce de valores, atitudes e comportamentos éticos. Considera a componente religiosa e espiritual como base sólida para a formação pessoal e social, para o crescimento na liberdade responsável, na solidariedade, na vida comunitária. Procura assim educar para os valores humanos e cristãos. Ensina a interpretar a vida e o mundo à luz da fé, ajuda a discernir entre o bem e o mal e contribui deste modo para definir um projecto de vida e para dar sentido à existência.

A Educação Moral e Religiosa Católica é indispensável num projecto global de uma Escola Estatal que não pretenda apenas ensinar mas também educar em valores e atitudes. Este projecto global merece a atenção e a participação de todos os agentes educativos: dos pais os principais educadores de seus filhos, dos professores que se entregam à missão educativa, dos alunos e da comunidade. Vale a pena todo o esforço para oferecermos às novas gerações um futuro com mais esperança. *"O destino futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem dar às gerações vindouras razões de viver e de esperar"*.²⁰

Pergunto-me: Como seria a minha actuação numa Escola Estatal? Não tenho muito que fugir a pergunta. Como religiosa e continuadora do projecto que Teresa traçou e nos legou, agiria da mesma forma como se fosse numa Escola Católica, com muito respeito, diálogo, responsabilidade e colaboração com a comunidade educativa.

Numa sociedade laicizada, onde os valores são constantemente, ignorados, em que se exalta o ter, o poder e se atropela o ser, e a religião e a fé são vistas, apenas, como um recurso terapêutico e não como um compromisso de vida, a disciplina de EMRC é,

²⁰ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, GS n° 31.

dispensável, pelos pais, alunos e sociedade em geral. A indiferença é o primeiro obstáculo, e o mais difícil de combater, no exercício da disciplina de EMRC nas Escolas da Rede Estatal em Portugal. Outra grande dificuldade reside no facto da disciplina ser facultativa e não opcional.

Concluimos, que de facto, são muitos os problemas e dificuldades com que a educação escolar hoje se debate. O relacionamento humano tem-se deteriorado. Os conflitos tornam-se mais frequentes. A indisciplina e a permissividade aumentam. O relativismo moral e a ausência de referências mostram efeitos negativos. Neste contexto social, a EMRC pode ser uma boa ajuda para educar no humanismo e no bom relacionamento, para edificar uma civilização mais solidária e mais pacífica.

3.3 O Contributo da Educação Moral e Religiosa Católica

O contributo da EMRC para o desenvolvimento das crianças, adolescentes e jovens, parte do reconhecimento da componente religiosa como factor insubstituível para o crescimento em humanidade e em liberdade. Nessa perspectiva, a EMRC ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida e mostra que o Evangelho de Cristo oferece uma verdadeira e plena resposta, cuja fecundidade inesgotável se manifesta nos valores de fé e de humanidade. Esta disciplina tem pois, um alcance cultural e um valor educativo. Através dela, orienta-se para formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores de justiça, da solidariedade e da paz.

Lançando o olhar para o mundo onde vivemos damos-nos conta de que estamos mergulhados numa cultura em que para tudo se faz projectos. Esta cultura também teve repercussão no mundo da educação. Hoje as IDSCS prosseguem a linha pedagógica da sua fundadora Teresa de Saldanha, acompanhando os seus passos e percorrendo novos caminhos que a mudança vai criando. É oportuno perguntar qual o contributo pedagógico que Teresa de Saldanha traz à EMRC?

“ O contributo da pedagogia de Teresa de Saldanha, na disciplina de EMRC” tema do presente trabalho, possibilitou verificar quão actual e enriquecedora é sua pedagogia aplicada pelas IDSCS nas suas escolas. Nestas, a comunidade educativa, com os respectivos órgãos pedagógicos, possibilita o trabalho que desenvolve com os alunos, estimulando o progresso pessoal a nível dos conhecimentos, das competências e atitudes

de modo que o educando se torne autónomo, tendo sempre em conta a importância da escuta, do diálogo da aceitação da obediência e do respeito, levando o aluno a contribuir para o seu enriquecimento como pessoa.

Teresa de Saldanha esteve atenta as situações e procurou dar-lhes resposta. Numa carta dirigida ao padre Patrick Bernard Russell O.P., Teresa diz o seguinte: «Temos 31 raparigas, algumas com 17 anos, ignorando por completo os seus deveres religiosos. Algumas trabalham em Xabregas e vêm cheias de entusiasmo para aprenderem a ler e a escrever, mas ao domingo só vêm oito ao catecismo. E que hei-de fazer? É que, dar a estas raparigas a oportunidade de aprenderem a ler e a escrever, sem as ensinar a serem boas católicas, torna-se para mim um motivo de escrúpulos, pode levá-las talvez a ler maus livros, a escreverem cartas e que vantagens lhes dá então a nossa escola? O catecismo, aos domingos, está agora a ser ensinado pela pequena que dá costura e no fim do mês, o padre (que é português) e que as ensinava antes vai continuar de novo. Mas como conseguir que todas as raparigas venham ao domingo? Algumas, já muito crescidas, quase mulheres, não vão. E se o catecismo pudesse ser ensinado à tarde? Que bem imenso se podia fazer. Aqui está mais uma circunstância que mostra a necessidade de termos aqui em breve as nossas irmãs, porque elas aproveitariam todas as oportunidades para instruir estas pequenas tão ignorantes. A mestra a quem pagamos, não tem o mesmo zelo. Estive na escola esta manhã, vim preocupada com tudo o que ouvi, poucas foram ao Catecismo e apareceram muitas na aula de sábado à noite»²¹.

Aqui se sente a grande preocupação de Teresa, que não se preocupava apenas com a formação religiosa daquelas jovens mas também com a formação integral da pessoa. É daí que nasce o entusiasmo de Teresa - inserir nas suas escolas as aulas de Educação moral e cristã com base numa sólida formação pessoal e social, para o crescimento na liberdade responsável e solidariedade.

Nas escolas das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, a EMRC é oferecida a todos os alunos, independentemente da diversidade de crenças ou opções religiosas.

²¹ . Extracto de uma carta de Teresa de Saldanha dirigida ao padre Patrick Bernard Russell, 1816.

Nas aulas de EMRC e não só, observa-se um empenho recíproco entre a escola e a família na arte de educar e formar o coração. Isto permite uma relação harmoniosa e um ambiente de sã convivência baseado na verdade, tendo em atenção os problemas e a felicidade dos outros, vivendo na amizade, na solidariedade, no respeito pela dignidade da pessoa humana. Por isso, é pertinente explorar nos alunos experiências que forneçam a sua maturidade cívica e sócio afectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos familiares, quer no da intervenção consciente e responsável da realidade social.

Nestas escolas, a noção de competências assume um carácter amplo e integrador que completa conhecimentos, capacidades e atitudes, possibilitando a execução de uma pedagogia de saber, aliada à investigação e à acção. Implementando a pedagogia de Teresa de Saldanha em relação ao desenvolvimento da Unidade Lectiva 4, para o 9º Ano, procuraria planificar operacionalidades de competências, tendo em conta os alunos ao meu cuidado. Essa inovação possibilitaria também a exploração de outras alternativas do programa, conforme pudessem vir a certificar as estratégias que se iriam adoptar e os recursos à utilizar, na execução das actividades e conteúdos, tendo em conta o empenho e o interesse dos alunos. Num segundo passo, procurar-se-ia conhecer cada aluno em particular, com as suas necessidades e preocupações. Assim, num clima de sã amizade, as aulas seriam fáceis e a matéria mais facilmente apreendida.

TERCEIRA PARTE

Propostas de actividades

1. Apresentação das Propostas de Actividades

Depois de um breve itinerário em torno das práticas pedagógicas supervisionadas – primeira parte e na segunda e terceira partes em torno do contributo da pedagogia de Teresa de Saldanha e de uma leitura á luz do seu projecto pedagógico numa Escola Católica e Estatal, propomos na última parte do nosso trabalho, algumas actividades concretas que visam desenvolver competências e leccionar conteúdos.

Tivemos a preocupação de que todas as actividades fossem ao encontro do programa de EMRC, procurando respeitar os níveis etários e de desenvolvimento dos alunos a que se destinam. Caberá a cada professor adaptar as actividades que aqui são propostas á especificidade de cada grupo ou turma, ao tempo disponível, bem como a planificação global de cada ano e de cada Unidade Lectiva.

Todas as actividades que aqui propomos destinam-se a ser desenvolvidas em sala de aula, visto que a maior parte do trabalho com os alunos decorre nesse espaço.

| | |
|---|-----|
| ACTIVIDADE 1: Em busca da maturidade | 1/1 |
| OBJECTIVOS: Despertar nos alunos atitudes de abertura, participação e fraternidade na turma e no ambiente em que se vive. | |
| COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER: Ce 2 – Questionar-se sobre o sentido da realidade. | |
| MATERIAL NECESSÁRIO: Folha de papel grande, marcadores. | |
| <p>DESCRIÇÃO DA ACTIVIDADE 1: Em busca da maturidade Depois do acolhimento dos alunos, a aula prossegue com uma dinâmica de apresentação para integrar os novos alunos.</p> <p><i>Dinâmica:</i> Coloca-se uma folha grande no chão, com marcadores a à disposição de todos. Cada aluno escreverá o seu nome com letra grande e bem visível. Num segundo momento, cada aluno irá escrever, junto de cada nome, o que sabe dessa pessoa. No seu nome não escreve nada! Se algum nome ficar em branco é sinal que esse aluno é pouco ou nada conhecida. Por fim é convidado esse aluno a preencher esse vazio com informações que facilitem a sua apresentação.</p> <p>Em seguida o professor propõe o jogo «Em busca da maturidade».</p> <p>INSTURÇÕES DO JOGO: <i>O caminho da vida é longo e cheio de perigos. Buscar a maturidade é buscar um tesouro: seguir a pinta, não despertar e no fim quem sabe se não serão capazes de encontrá-lo? Vão empreender uma grande aventura. Serão capazes de terminá-la?</i></p> <p><i>Vão percorrer o caminho da vida. Por isso percorrerão diferentes etapas (infância, adolescência, juventude e adulto) como Indiana Jones em busca da maturidade. Cada grupa de participantes dispõe de dez minutos para jogar, durante esse tempo procurará chegar o mais depressa possível. Como na vida temos o tempo justo, é preciso despachar: Passados os dez minutos o jogo acaba para esse grupo e começa outro.</i></p> <p>Num tabuleiro aparecem diferentes casas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • PERGUNTA: Nestas casas os alunos terão que responder a perguntas sobre o desenvolvimento humano. Se acertarem avançam três casas, se não, só avança uma. • DILEMA: Se caírem nessas casas, devem solucionar um caso em que se tenha que tomar uma decisão. Segundo o grau de maturidade de decisão avançarão uma, duas, ou três casas. | |

DESCRIÇÃO DA ACTIVIDADE 1 (Cont.):

- **Provas:** Nestas casas terão que superar uma prova que indique que tenham o nível de maturidade suficiente para prosseguirem. As provas podem ser diversas. Se passarem a prova, avançam três casas; se não, avançam uma.
- **CIRCUNSTÂNCIAS:** Na vida de uma pessoa há acontecimentos que influenciam muito no seu carácter e desenvolvimento pessoal. Nestas casas o azar vai colocar os alunos em situações em que poderão avançar ou retroceder.
- **SINCERIDADE:** Estas casas perguntarão como se comportaria habitualmente. Os alunos tem que de ser sinceros e dizer a verdade. Se o resto do grupo não acreditar retrocederão duas casas, se acreditarem avançarão uma, duas ou três casas, conforme o grau de maturidade da resposta.

Nas casas onde se marcam o início de uma etapa, cada grupo decide o tipo de actividade a realizar.

Os alunos divididos em grupos dispõem de 10 minutos para jogar: durante esse tempo procuram chegar o mais longe possível. Passados os 10 minutos acaba o jogo para esse grupo e começa o outro.

Por fim o professor para o aprofundamento do jogo diante da turma toda lança uma chuva de ideias para responder as seguintes questões:

- a) Que dificuldades encontraram ao realizarem o jogo?
- b) De que dependeu o avanço ou o retrocesso do jogo?
- c) Que relação tem o jogo com a nossa vida?

AVALIAÇÃO: O professor poderá registar a participação dos alunos, o seu empenho no jogo, bem com avaliar o trabalho desenvolvido.

UNIDADE LECTIVA: Esta actividade poderá ser útil em outras unidades lectiva, dependendo do grau de desenvolvimento da competência 2.

| | |
|--|-----|
| ACTIVIDADE 2: Amadurecimento na fé | 1/1 |
| OBJECTIVOS: Ajudar os alunos a procurar dar respostas da própria fé perante a cultura actual, num diálogo fé cultura. | |
| COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER: Ce 23 – Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes. | |
| MATERIAL NECESSÁRIO: quadro, textos bíblicos, folhas de papel e canetas ou esferográficas. | |
| ACTIVIDADE 2: Amadurecimento na fé | 1/2 |
| <p>DESCRIÇÃO DA ACTIVIDADE 2 (Cont): Contou-lhes outra parábola: “O Reino dos Céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e pôs em três medidas de farinha, até que tudo ficasse fermentado”.</p> <p>Mt 13, 31-33</p> <p>«Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro disse: ‘Filho, vai trabalhar hoje na vinha’. Ele respondeu: ‘Não quero’; mas depois, pegou pelo remorso, foi. Dirigindo-se ao segundo, disse a mesma coisa. Este respondeu: ‘Eu irei, senhor’; mas não foi. Qual dos dois realizou a vontade do pai? Responderam-lhe: “O primeiro”. Então Jesus lhes disse: “ Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vos procederão no Reino de Deus. Pois João veio a vos, num caminho de justiça, e não creste nele. Os publicanos e as prostitutas creram nele. Vós, porém, vendo isso nem sequer tivestes remorso para crer nele.</p> <p style="text-align: right;">Mt 21, 28-32</p> <p>«Depois de comerem, Jesus disse a Simão Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?” Ele respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Apascenta os meus cordeiros”. Segunda vez disse-lhe: “Simão, filho de João, tu me amas?” – “Sim, senhor, disse ele, “tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta as minhas ovelhas”. Pela terceira vez lhe disse: “Simão, filho de João, tu me amas?” Entristeceu-se Pedro porque pela terceira vez lhe perguntara “tu me amas? “E lhe disse: “senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Apascenta as minhas ovelhas. Em verdade, em verdade, te digo: quando eras jovem, tu te cingias e andavas por onde querias; quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá onde não queres”. Disse isso para indicar com que espécie de morte Pedro daria glória a Deus. Tendo falado assim, disse-lhe: segue-me” (Jo 21, 15-19)</p> <p>Os alunos são convidados a ler e a aprofundarem os textos e em seguida, com ajuda dos mesmos, responderem de forma criativa as questões seguintes:</p> | |

| | |
|---|-----|
| ACTIVIDADE 2: Amadurecimento na fé | 1/3 |
| <p>DESCRIÇÃO DA ACTIVIDADE 2 (Cont):</p> <p>a) Que sementes de maturidade encontro presentes nos textos?</p> <p>b) Das sementes que descobri nos textos, qual delas sinto mais necessidade de potenciar para o meu amadurecimento na fé?</p> <p>O professor deverá estar atento á eventual necessidade de explicitar o sentido de alguns textos e incentivar os alunos a participarem.</p> <p>O professor faz a consolidação da aula, fazendo referência de algumas personagens que atingiram a maturidade na fé (Jesus Cristo, Madre Teresa de Calcutá, João Paulo II,...).</p> | |
| <p>AValiação: O professor poderá registar a participação e o seu grau de empenhamento na actividade.</p> | |
| <p>UNIDADE LECTIVA: Embora esta actividade se possa revelar útil em outras unidades lectivas, tendo em conta o grau de desenvolvimento da competência 23, poderá ser utilizada em outras.</p> | |

| | |
|--|-----|
| ACTIVIDADE 4: Jesus como modelo de vida. | 1/1 |
| OBJECTIVOS: Levar os alunos a encontrar em Jesus e no seu projecto de vida a chave para a resolução as grandes questões da vida e do mundo. | |
| COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER: Ce 8 - Relacionar o fundamento religioso da moral cristã, com os princípios, valores e orientações para o agir humano, propostos pela Igreja. Ce 24 – Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana. | |
| MATERIAL NECESSÁRIO: Quadro, textos bíblicos, <i>poster</i> de Jesus Cristo, Cadernos do aluno e cartolina. | |
| <p>DESCRIÇÃO DA ACTIVIDADE 4: Depois do acolhimento feitos aos alunos, o professor, faz a introdução do tema que se vai tratar, dizendo que todo o ser humana devia tomar consciência de que, precisamos de nos confrontar constantemente com a pessoa de Jesus, para nos identificarmos com os seus valores, nos quais devemos fundamentar a nossa vida e assim como as nossas atitudes.</p> <p>Em seguida em grupo de dois ou três alunos, o docente distribui a cada grupo, duas ou três das seguintes citações bíblicas: (Lc 4, 14-21; Jo 13, 34-35; Jo 13 1-17; Lc 6, 27-36; Mt 5, 43-48; Jo 15, 1-17; Jo 6, 1-13; Rom 5, 6-8; 1Cor13, 1-13) com a questão seguinte: O que é que Jesus tem a dizer à minha vida?</p> <p>Cada grupo deve ler, comentar e escrever na cartolina a sua reflexão, dizendo em que medida essa citação pode iluminar a sua vida, as suas atitudes. Feita a reflexão segue-se o plenário partilhado por um aluno de cada grupo. Ouvido os grupos o professor faz a síntese do trabalho de todos os grupos, salientando a importância dos valores que Jesus nos transmite, como guia de orientação para a nossa vida. Porque o estilo de vida de Jesus e o seu agir, transformam o nosso comportamento e atitudes perante a sociedade e o mundo.</p> | |

| | |
|---|-----|
| ACTIVIDADE 4: Jesus como modelo de vida. | 1/2 |
| <p>DESCRIÇÃO DA ACTIVIDADE 4: (Cont.): Num segundo momento o docente leva os alunos a observar os trabalhos partilhados e a escreverem uma carta a Jesus, relatando o que mais lhes tocou nas descobertas feitas. Por fim, os alunos partilham as suas cartas concluindo a actividade.</p> | |
| <p>AValiação: O professor poderá registar a participação e o seu grau de empenhamento na actividade, bem como avaliar o trabalho desenvolvido.</p> | |
| <p>UNIDADE LECTIVA: Esta actividade poderá ser útil em outras unidades lectiva, dependendo do grau de desenvolvimento das competências (8 e 10).</p> | |

| |
|---|
| ACTIVIDADE 5: Actualização do decálogo - o dom da aliança e as normas para o comportamento humano |
| OBJECTIVOS: Desenvolver competências de interpretação do Decálogo e da sua actualização para o quotidiano; aumentar a visibilidade da disciplina de EMRC no contexto escolar e a sua contribuição para a transmissão de valores e a defesa de direitos fundamentais do ser humano |
| COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER: Ce 9 - Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã; Ce 23 - Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes. Ce 24 - Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas da vida quotidiana. |
| MATERIAL NECESSÁRIO: Carta de direitos para distribuir pelos alunos, com referência ao mandamento que o fundamenta; Quadro; Caderno do aluno; Materiais necessários para a elaboração de cartazes. |
| <p>ENQUADRAMENTO TEÓRICO: O professor apresenta a Aliança como um dom, uma oferta de Deus à humanidade. Ao propor a Aliança, Deus dá-se a si mesmo e dá os meios para que o povo possa estabelecer e manter uma relação de resposta com Deus, através do caminho (Derek): o Decálogo.</p> <p>A ética do Decálogo, é marcada pela:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) Exterioridade - acções externas, observáveis e verificáveis. b) Pelo alcance essencialmente comunitário - primitiva carta nacional para regular e ordenar a vida colectiva no deserto. c) Formulação predominantemente negativa - oito dos dez mandamentos constituem proibições. Acentua-se a abstenção de comportamentos socialmente danosos, visão que não deve esgotar as virtualidades desta moral proposta ao povo. <p>Como poderá o Decálogo servir como base para uma teologia e para uma catequese moral para os nossos dias?</p> <p>Proposta de uma tradução e actualização sob a forma de uma carta de valores, superando uma moral de mínimos e abrindo um programa - tarefa moral nunca realizada - para cada um desses valores:</p> <p>Três valores verticais (relação com Deus):</p> <ul style="list-style-type: none"> 1) Prestar culto a um único Absoluto; |

ACTIVIDADE 5: Actualização do decálogo - o dom da aliança e as normas para o comportamento humano

ENQUADRAMENTO TEÓRICO (Cont.):

- 2) Respeitar a presença e a missão de Deus no mundo (simbolizado pelo «nome de Deus»);
- 3) Valorizar a dimensão sagrada do tempo.
- 4) Valores horizontais (relação com os outros):
- 5) Honrar a família;
- 6) Promover o direito à vida;
- 7) Defender o direito de cada um a ver a própria liberdade e dignidade respeitada por todos;
- 8) Preservar a reputação dos outros;
- 9) Respeitar as pessoas (que pertencem a uma casa, uma família, turma ou escola);
- 10) Deixar ao outro as suas propriedades materiais.

Saliente-se que os valores estão elencados por ordem decrescente de importância, na proposta de uma moral libertadora.

Uma actualização do Decálogo, com base nos valores, oferece um fundamento claro para uma carta dos direitos e das liberdades fundamentais de todo o ser humano:

- 1) Direito a uma relação religiosa com Deus;
- 2) Direito ao respeito das crenças e dos símbolos religiosos;
- 3) Direito à liberdade da prática religiosa e, em segundo lugar, ao repouso, ao tempo livre, à qualidade de vida;
- 4) Direito das famílias a políticas justas e favoráveis, direito dos filhos ao sustento por parte dos progenitores, à primeira aprendizagem da socialização, direitos dos pais idosos ao respeito e ao sustento por parte dos filhos;
- 5) Direito à vida (a nascer), ao respeito da vida (a crescer e morrer de modo natural), à educação;
- 6) Direito da pessoa a escolher livremente o cônjuge, direito do casal ao respeito, ao apoio por parte do Estado e da sociedade em geral, direito dos filhos à estabilidade (emocional, afectiva, financeira) dos progenitores;
- 7) Direito ao respeito das liberdades civis (integridade corporal, opção de vida e de carreira, liberdade de se deslocar e de se expressar);

ACTIVIDADE 5: Actualização do decálogo - o dom da aliança e as normas para o comportamento humano

ENQUADRAMENTO TEÓRICO (Cont.):

8) Direito à reputação e, em segundo lugar, ao respeito da vida privada, a uma informação não deformada;

9) Direito à segurança e à tranquilidade doméstica e profissional, e, em segundo lugar, direito à livre empresa;

10) Direito à propriedade privada.

Ao actualizar o Decálogo, traduzindo-o para uma carta de valores que estão na base dos direitos e das liberdades fundamentais de todo o ser humano, ultrapassa-se a sua formulação predominantemente negativa e legalista, abrindo espaço para uma adesão dos alunos a este Ensino (Torá) e a este Caminho (Derek) que a Bíblia nos continua a propor.

Dada a relevância deste tema, o professor poderá recorrer a actividades que levem os alunos a consolidar os conteúdos leccionados e a desenvolver as competências trabalhadas.

DESCRIÇÃO DA ACTIVIDADE: Tendo em conta que o programa de EMRC prevê que estes conteúdos sejam leccionados aos alunos do 5º ano de escolaridade, importa que as actividades a desenvolver sejam adequadas ao seu nível etário e ao seu desenvolvimento cognitivo e social. Desta forma, deixamos algumas sugestões de actividades:

ACTIVIDADE 1: CONCRETIZAÇÃO DA CARTA DOS DIREITOS E DAS LIBERDADES FUNDAMENTAIS

Depois de dividir a turma em grupos de debate e de trabalho, o professor sorteia por cada grupo um ou mais mandamentos (com a respectiva citação bíblica) e os direitos que lhe correspondem (ver o enquadramento teórico).

Cada grupo elabora um cartaz, onde apresenta sugestões de concretização - sempre formuladas de um modo afirmativo - dos direitos e liberdades que lhes foram distribuídos. Para facilitar e conduzir o trabalho dos grupos, o professor solicita que respondam à questão: - Que posso eu fazer para respeitar este direito?

Cada grupo apresenta à turma o seu trabalho, num fórum de conclusão da actividade.

| |
|---|
| ACTIVIDADE 5: Actualização do decálogo - o dom da aliança e as normas para o comportamento humano |
| <p>ENQUADRAMENTO TEÓRICO (Cont.):</p> <p>Os cartazes poderão ser expostos num espaço com visibilidade dentro da escola, ou, em alternativa, na sala de aula.</p> <p>ACTIVIDADE 2: OS DIREITOS E AS LIBERDADES FUNDAMENTAIS, NA ESCOLA</p> <p>Depois de dividir a turma em grupos de debate e de trabalho, o professor sorteia por cada grupo um ou mais mandamentos (com a respectiva citação bíblica) e os direitos que lhe correspondem (ver o enquadramento teórico).</p> <p>Cada grupo é convidado a transpor para a comunidade escolar os direitos e liberdades que lhes foram distribuídos.</p> <p>A actividade poderá ser finalizada com uma apresentação a toda a turma das conclusões de cada grupo, e/ou com a elaboração de uma carta dos direitos fundamentais na escola que poderá ser afixada ou distribuída.</p> |
| AVALIAÇÃO: O professor poderá registar a participação dos alunos, o seu grau de empenho na actividade, bem como avaliar o trabalho desenvolvido. |
| UNIDADE LECTIVA: Unidade Lectiva 5.1 - Viver Juntos |

Conclusão

«Educar é formar a mente e o coração».

(Teresa de Saldanha)

Para concluir podemos afirmar que educar é um enorme desafio, uma missão grandiosa e exigente. Educar em EMRC, é construir hoje, as pessoas do amanhã. É criar a humanidade em devir. É atingir o ser humano em todas as suas dimensões.

Esta grande tarefa impõe-nos além de uma aposta na qualidade científica e pedagógica, um enorme dinamismo, uma paixão pelo milagre de construir pessoas dum mundo novo. Deste modo o educando sentirá em si o gosto e o prazer de aprender, a curiosidade do saber, a felicidade de existir. Para tanto, o educador (a) terá que viver o desafio da inovação, em cada dia renovada, a coragem de ser capaz de responder às exigências novas desta aldeia global, sem fronteiras, em que se tornou o nosso Planeta. Só os que buscam, se esforçam e arriscam, serão capazes de reinventar a escola nova para homens novos.

Educar é desenvolver o sentido da responsabilidade pessoal e formar para a cidadania. É receber os conhecimentos (a memória) de uma comunidade, interpretar o quotidiano e projectar o futuro pessoal e social. Tudo isto acontece não de forma neutra mas inserido numa tradição viva de valores que confira identidade própria a qualquer projecto.

Ao promover a realização do educando e ao propor os perenes valores da humanidade, na sociedade em que vivemos, a escola sabe que, para ser consistente, precisa de um enraizamento num corpo ético que lhe confira identidade e projecto. No horizonte desses valores universais da civilização integra-se a própria tradição cristã, criadora de cultura, portadora duma mundividência própria, apontando um caminho preciso de realização humana.

Acreditando no valor da pessoa humana e na singularidade como alteridade, a disciplina de EMRC além de ajudar o jovem a ser, isto é, a rasgar caminhos, proporciona os recursos para que, cada um, em liberdade, se descubra a si mesmo, descubra os outros, se realize e desenvolva.

Sendo um espaço de liberdade criadora, esta disciplina curricular, por opção na Escola Estatal, proporciona aos adolescentes e jovens um espaço e um tempo de descoberta de si próprio e do mundo possibilitando-lhe o exercício da mútua compreensão,

cooperação e entreaajuda. Lança-os no desafio da participação da construção de uma sociedade livre, justa e solidária.

A EMRC é determinante para que a escola ajude os educandos a elaborarem o seu projecto pessoal de vida. De facto, só uma vida com projecto vale a pena ser vivida e é disso que os nossos jovens precisam.

Esta disciplina tem uma orientação cultural e formativa, enquanto procura abordar a religião na perspectiva da cultura e, portanto, como alicerce de valores, atitudes e comportamentos éticos. Considera a componente religiosa e espiritual como base sólida para a formação pessoal e social, para o crescimento na liberdade responsável, na solidariedade, na vida comunitária. Procura educar para os valores humanos e cristãos. Ensina a interpretar a vida e o mundo à luz da fé, ajuda a discernir entre o bem e o mal e contribui deste modo para definir um projecto de vida e para dar sentido à existência.

Uma leitura pedagógica dos escritos de Teresa de Saldanha leva-nos a avivar a memória da sua inspiração educacional e pedagógica na disciplina de EMRC.

Mais do que uma programação, Teresa quis ser fiel a um Amor que escolheu na sua juventude, esse Amor a Jesus, por uma vida espiritual e prática intensa que se traduziu no amor ao próximo. Por isso, podemos dizer que a pedagogia de Teresa de Saldanha é hoje actual. Esta viagem no tempo, este mergulhar na sua pedagogia a partir dos seus escritos, fizeram-nos pensar que, ao educar para valores e atitudes, a EMRC está consciente de que o crescimento pessoal, social e moral do adolescente/jovem não é uma aprendizagem memorizada de um conjunto de normas é, antes, um caminhar contínuo na busca de resposta às perguntas fundamentais: quem sou eu? Qual o meu papel na sociedade?

Como conclusão podemos afirmar que o contributo da pedagogia de Teresa de Saldanha é válido para o nosso tempo. Torna-se urgente uma reflexão mais profunda e contínua sobre a sua dimensão pedagógica neste mundo em mutação.

Na medida em que a Congregação das IDSCS estiver atenta aos desafios de hoje em especial na educação e lhe responder com audácia idêntica ao de Teresa de Saldanha, será um projecto pedagógico actual contribuindo para a renovação educacional na disciplina de EMRC.

Por parte da Igreja e dos professores de EMRC, não há qualquer proselitismo, mas sim a certeza que o desenvolvimento pessoal só é pleno se não for ignorada a dimensão religiosa do Homem, se se estabelecer a síntese entre fé e cultura, e que esta só pode ser assimilada e dar frutos quando assumir a tradição cristã, já que a cultura ocidental só nela se pode entender.

Bibliografia

FONTES

- ARQUIVO DAS DOMINICANAS DE SANTA CATARINA DE SENA - Carta a Irmã Maria José Barros e Castro. Largo de Benfica – Lisboa, 1881.
- SALDANHA, Teresa: Actas, Cartas, Crónicas, Exortações, Relatórios, in: Arquivo da Congregação Dominicana de Santa Catarina de Sena, Largo de Benfica, Lisboa, 1944 – 1916.
- THAUCOURT, Maria Rosa – *Madre Teresa de Saldanha – Vida e Obra*. Lisboa: Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena. 1987.

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II – *Constituições, Decretos, Declarações*. Ed. Apostolado de Oração. Braga, 1966.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II – *Constituição Pastoral sobre A Igreja no Mundo Actual*. Ed. Apostolado de Oração. Braga, 1966.
- PAULO VI – *Populorum Progressio. Carta Encíclica*. Ed. União Gráfica. Lisboa. 1967.
- SNEC – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Ensaios Básicos e Secundário*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2007.

OBRAS DE APOIO

- ARENDS, R.I. – *Aprender a Ensinar*. 7ª Edição. Lisboa: McGraw-Hill, 2008.

- AZEVEDO, Carlos A. Moreira; AZEVEDO, Ana Gonçalves de – *Metodologia Científica: Contributo Práticos para a Elaboração de Trabalhos Académicos*. 7ª Edição. Lisboa: UCE, 2004.
- CARVALHO, Cristina Sá – Metas Educativas e Avaliação Pedagógica. In: Secretariado Nacional da Educação Cristã – *Pastoral Catequética*. Moscavide. Moscavide: 8 (2007) 149-181.
- MIRANDA, Helena Costa Pinto Reis – *Pedagogia de Teresa de Saldanha – um contributo para a história da formação pessoal e social em Portugal no século XIX*. 1993. Pág.66.
- Relatório - ASSOCIAÇÃO DAS MENINAS POBRES. 1892.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral Religiosa Católica*. Lisboa: 2007.
- UNESCO - *Educação: um tesouro a descobrir*. Ed. ASA, 1977.